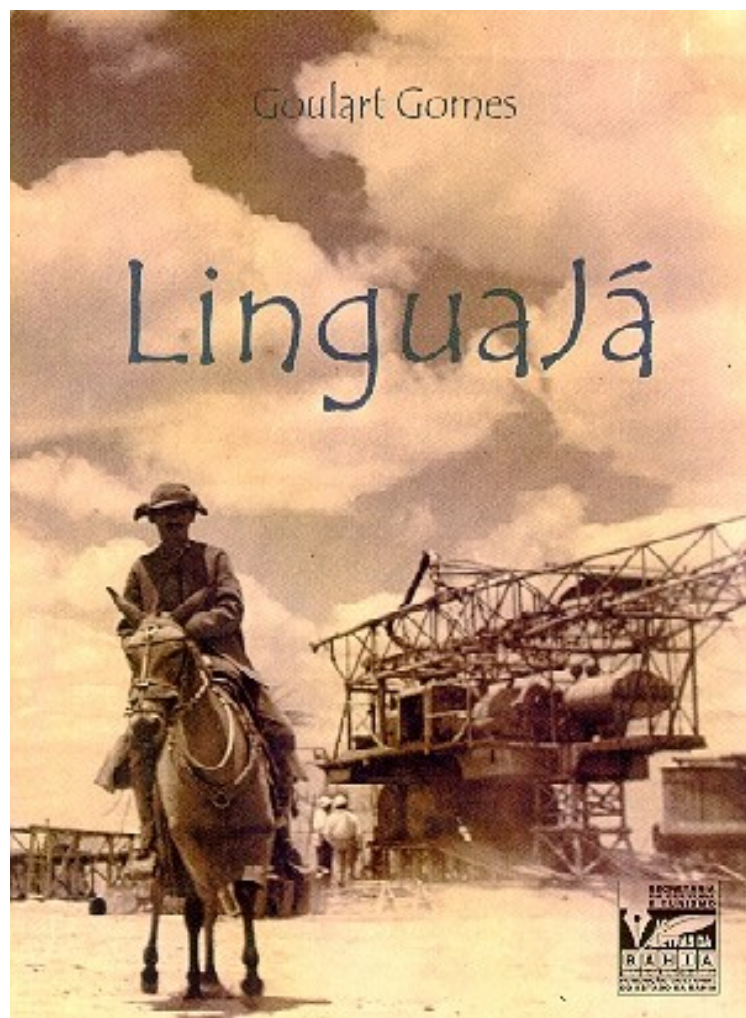


Goulart Gomes

LinguaJã



LinguaJá, o Território Inimigo

Pórtico Edições

apresenta:

linguajá

o território inimigo

Goulart Gomes

2ª edição

linguajando

Carlos Pimentel*

Há poucos prazeres no mundo que se igualem ao de ler um livro virgem, um livro em primeira mão, um livro que até então só o autor leu. E esse prazer se torna maior quando se trata de um bom livro, como é o caso deste novo livro de Goulart Gomes.

Um novo livro e um livro novo, no sentido de ser diferente do marasmo que domina a nossa cultura, principalmente no que diz respeito à poesia. Olhando de uma maneira geral, a impressão que se tem é que a poesia brasileira parou em Drummond e Vinícius, ou então ficou perdida no experimentalismo dos irmãos Campos, uma vez que não acontece nada de verdadeiramente novo, de verdadeiramente ousado, de verdadeiramente poético. Por isso o livro de Goulart é um livro novo e nos dá aquela sensação gostosa de descoberta, de deparar com algo inédito, ousado e variado, uma vez que o livro não se repete nem a si mesmo, porque cada poema é uma nova experiência, um novo exercício de ousadia.

LinguaJá surpreende pelo que tem de inovador, emociona pela imensa força poética e assusta pelo

que tem de belo. No seu poema *Belezamento*, num verso que já pode ser considerado antológico, Goulart diz: “Causa perigo quando beleza é muita...”. Realmente, o excesso do belo assusta e é perigoso porque vivia a gente no belo e nos faz querer coisas cada vez mais belas... e as coisas realmente belas são cada dia mais escassas. Talvez por isso, por medo do perigo existente nos poemas do *LinguaJá*, eu tenha demorado tanto a escrever estas palavras que não me atrevo a chamar de prefácio. O prefácio de um livro como este só poderia ser escrito por um grande poeta, fosse ele um poeta da prosa, como Guimarães Rosa, ou um poeta dos grandes momentos da beleza simples, como Manoel de Barros. Eu, eu sou apenas um admirador, um leitor que devorou cada página do livro dezenas de vezes sem saber o que dizer, sem saber como começar, atônito diante do inusitado e belo revelado em cada página.

LinguaJá passeia pelos caminhos da linguagem inovadora, como em *Antioposto* e *De Como Redomo Desvirou Gente*, passando pelo lirismo absoluto de *Algaravia* e *A Posteriori*. Qual é o estilo de *LinguaJá*?, poderão perguntar os leitores. Eu poderia responder que *LinguaJá* tem todos os estilos, mas o traço inconfundível mesmo é o poema bem escrito, o respeito à integridade da língua, o reflexo de uma cultura sólida de um poeta que ousa ser ele mesmo e que escreve com coragem e força.

Mas, chega. Não pretendia fazer um prefácio e quase incorro no erro principal dos prefaciadores que é falar demais e tornar mais demorado o prazer do leitor em descobrir o livro.

O livro está aqui, leitor, agora é seu. Leia-o de ponta a ponta, num só fôlego, ou então vá lendo um poema hoje e outro amanhã, descobrindo devagar a massa fina de que são feitos os textos de Goulart Gomes. Uma coisa é certa: você não vai ler este livro uma vez só. Este livro é para ser relido, deglutido, comentado com os amigos (o que é bom é para dividir, não é?). A nossa sorte é que, autor prolífero como é, daqui a pouco ele nos estará brindando com outro livro, outra aventura, outro exercício do belo.

**Carlos Pimentel, Mestre em Literatura Brasileira e escritor
(em memória).*

predifícil

Predifícil não é um neologismo; nem mesmo uma mistura de prédio com edifício. Mistura de nomes, por sinal, é o que não falta no sertão que amo tanto. Meus conterrâneos juntam os nomes de pais, mães, avôs e avós, reconstruindo, assim também, nosso idioma. Ou melhor dizer, nossa língua? Porque língua é uma coisa mais palpável... e palatável: não apenas fala, mas percebe os sabores. E sabor é coisa fundamental, apesar de pouco preciso, quando se mistura. Predifícil, simplesmente porque prefácio é muito fácil. E por falar em misturas, LinguaJá é outra delas. Perguntaram-me: que negócio é esse de botar nome de livro, LinguaJá? Já não basta os liguejá, comprejá, assistajá?

Assuntei, matutei e arrematei: LinguaJá, sim, mode esse é o nosso jeito de falá. Luiz Gonzaga já deu uma “aula” sobre isso. Cá pras bandas do Nordeste, o éle é lê, o eme é mê e o erre tem nome de rê. No nosso regionalismo, abandonamos o desnecessário rê. Além disso, LinguaJá alude à premência de redescobriremos a nossa língua, que é, por extensão, a nossa pátria. Língua já, língua aqui, língua agora. É o que pretendo com esse livro. Falar as nossas muitas linguagens, todas elas belas, todas elas nossas: a linguagem do sertanejo, a linguagem tecnológica, a linguagem reinventada a cada momento, pelos modismos e neologismos.

Dividi LinguaJá em quatro partes distintas: *personagens que passeiam por aí* trás o que tenho feito mais recentemente, voltado à criação de tipos e

Goulart Gomes

passeios pelo regionalismo nordestino; *eus que não saem de dentro* é uma seção mais intimista, um olhar para dentro; *miragens que ficaram por aqui* fala delas, as Musas, sem as quais não haveria a minha poesia; *estórias já contadas* fala das coisas e pessoas que ele me trouxeram até aqui.

Enfim, este livro comemora os meus quinze anos de atividade poética, procurando reunir o que de mais agradável resultou deles. Gostaria de agradecer - além da Fundação Cultural do Estado da Bahia, pelo grande apoio com a publicação desta obra - a Ana Cristina, Regina Sant'Anna e Rose Rosas, pelas revisões, comentários, sugestões.

A todos, muitíssimo obrigado.

Goulart Gomes

LinguaJá

Érica Antunes*

Precursor e incentivador do Movimento Poetrix (<http://www.movimentopoetrix.com>), Goulart Gomes pode ser considerado um poeta de grandeza em nossa literatura com outros quatro livros publicados: *Anda Luz* (1987), *Todo Desejo* (1990), *Sob a Pele* (1994) e *A Greve Geral* (1997), além de ter marcado participação em diversas antologias nacionais e internacionais.

LinguaJá já intriga pelo título. Por isso é que o próprio autor, no que denominou "predifical" (e demonstrou nessa nomenclatura uma criatividade ímpar), explica: "*LinguaJá*, sim, mode esse é o nosso jeito de *falá*." (...) "Além disso, *LinguaJá* alude à premência de redescobriremos a nossa língua, que é, por extensão, a nossa pátria".

Goulart dividiu *LinguaJá* em quatro partes, caracterizadas pelos assuntos de que tratam os poemas: "Personagens que passeiam por aí...", "Eus que não saem de dentro...", "Miragens que ficaram por aqui" e "Estórias já contadas".

Na primeira parte, "Personagens que passeiam por aí..." está a presença do nordestino visto nas ruas da cidade e no sertão, o homem do dia após dia, que sofre e ri, tão comum e tão relevante. É o que se vê, por exemplo, nestes trechos dos poemas "A Legítima Desestória do Incansável Afrígio Aroeira" (p. 18) e "Coriolano" (p. 27):

"(...)

*virou bicho quando lhe roubaram
as estrelas
(não foi, era só um furo n'algibeira)
Desgostou dos **fios**. Era tudo enorme
sem **cumieira**. Rebuscou os vãos
com olhos de vermelho
fez-se escravo dos ponteiros. Não era
(...)*

Homequá, disgrama
*este é o meio da **desestória**, não acaba
Vigiliei Afrégio **tresontonte**
escondendo aurora
pegando **picula** com o cheiro da **chuva**
molhada
criando cisco na lapela
(...)” (grifei)*

*”(...)
Primeiro requer mudar de avenida
de trilhas, de cidade
mode escapulir das vistas;
trocar de rádio pra não ouvir as melodias
e escolher outra água-de-cheiro
É preciso **atupetar** o tempo
de coisas novas
bascuiar as casas de insetos
e curar **bieiras**
Andar composto
para atrair moças **não-bulidas**
e **bagunhar** a sorte,
crescer os olhos pro desejo
(...)” (grifei)*

Os poemas de Goulart trazem à tona, além do próprio personagem e seus medos, as histórias, os pensamentos e o melhor: a linguagem! Afrígio Aroeira e Coriolano, ali, são vivos, falam com o leitor pelas mãos do poeta, com toda força, fortes e reais.

Mas não pára nisso, Goulart mescla o homem simples, comum, a Kafka e sua Metamorfose, como no poema "De Como Redomo Desvirou Gente" (p. 23):

*"(...)
Numa noite sem lua, lendo Kafka
virou traça
e até mulher só comia de papel
virou letra gorda, aprendeu a envultar
derrubar frasco de penteadeira
desinventar besteira
(...)"*

Nem a discutida personagem de Machado de Assis passou despercebida, como se nota em "Marcolino Arremetador" (p. 31):

*"(...)
Celeste, furtiva
esquiva, dissimulada feito Capitu
escoiceava
(...)"*

É a catarse, a projeção, a vasta cultura de Goulart Gomes transparecendo no meio dos homens simples tão bem retratados do sertão nordestino.

A segunda parte, "Eus que não saem de dentro...", é de ordem mais intimista, o autor passeia pelos meandros da

alma, torna-se um sentidor do mundo, como bem mostra o poema "Restos Mortais do Lácio" (p. 46):

*"Há um caminho em todo desatino
(...)
perdemos
tempo, dinheiro, amores
em troca de uma ninharia
e elegemos a sombra
como única companheira, esguia
mimética às situações*

*das mãos penderam os versos
tendões à mostra
as unhas roxas de debulhar feijão
e matar piolhos gordos, irmãos de sangue
(...)
a felicidade é uma coisa morna
assim
(...)
o silêncio nos sufoca"*

Nos poemas "Ocos" (p. 48), "Modus Vivendi" (p. 49) e "Negro 33", aparece a reflexão sobre o tempo e suas mazelas:

*"(...)
vazios se parem sozinhos, se clonam
e vão trazendo vizinhos sem apresentação
(...)"*

*"Nem o dia, que morreu tão velho
teve velório
(...)"*

"(...)"

*Tudo gira
todas as fichas caídas
negro trinta e três
agora é a vez última
todas as jogadas foram jogadas
negro trinta e três,
crupier dos infernos!
a cada ano a menos
e nunca, mais!*

*Vão-se os anéis,
cortam-se os dedos
(...)"*

Este último lembra Cassiano Ricardo e seu "Relógio":
"Cada minuto da vida/ nunca é mais/ é sempre menos". O tempo parece mesmo ser a pedra de toque nesta fase mais intimista de Goulart:

*"Dizem-me as cãs
que chegam as manhãs de rugas*

*Escorridas as chuvas
aplacadas as rusgas
aro os sulcos
encharco-lhes os furos
com água salgada*

*Esquecidos os futuros
guardo o pretérito em frascos de vidro
(...)" ("Permanente", p. 54)*

A terceira parte de *LinguaJá*, "Miragens que ficaram por aqui..." traz à tona as musas e dá vez ao lirismo, ao sentimento propriamente dito. Em "Lava-pés" (p. 61), por

exemplo, fica clara a dor daquele que ama sem ser correspondido:

*"Cansei de estar
a mendigar sorrisos
medo, inveja, ódio,
desprezo e ironia
(...)"*

Em "Ensaio 14" (p. 62) e em "Belezamento" (p. 65), há a exaltação da mulher:

*"(...)
Só mulher contém beleza
é coisa que só se pode pensar azul
linha e agulha no horizonte
sal da terra, independente das areias*

*Mulher é beira-mar, coisa de aspirar
não de entender"*

*"Causa perigo quando beleza é muita
espanta, risca o chão de desespero
(...)
uma mulher é seu vulto
e o que lhe compreende de intocável
de imperturbável
ou quando se renova pelas crias*

*redemoinho de beleza ensandece
incha artérias, põe vertigens
(...)"*

O poema "Noturno 1" (p. 67) é dotado de uma constância de sentimento, enquanto "Dos Mares" denota um lirismo versátil e fugaz:

"(...)
*estou perdido
acabou-se o dia, acabou
o sono
não a alegria
interlúdio
o frescor do brilho
de uma alma
bom dia: apenas eu
que te amo"*

"(...)
*foge o medo de afogar
porque palmilhamos
o rochedo dos seios
e o porto seguro dos ventres;
os dedos embaraçam nos cabelos
entranhalínguas
choques de lábios e dentes
receio
(...)"*

A quarta e última parte de *LinguaJá*, "Estórias já contadas", Goulart se desprende do lirismo intocável e traz o amor carnal, o desejo do corpo e a aceitação do homem como ser da natureza. Veja-se o poema "Ensaio 5" (p. 75) em inteiro teor:

*"Sonho
sobre a cama
teu monte assoma
gigante
perfeito, reto
relva baixa
cerrada*

*gramíneas negro-ruivas
paralelas;
ao meio o mar
vermelho
pernas, peitos
hipérboles em profusão
inexatas
com o colchão*

*a reta
irá se perder
no infinito
ao teu último grito
afogado em leite e mal
duvido que haja
travesseiros mais bonitos"*

Em "Menino Nu" (p. 90), há quase que um espanto quando o poeta vê o filho correr nu, aparentemente tão desprotegido, pela casa. Surge uma admiração epifânica pelo desprovido de malícia, puro e belo, quando diz:

*"(...)
O menino nu não sabe
uma infinidade de outras coisas
igualmente sem importância:
ele nem sabe o que é estar nu!
Estar nu de corpo, mente e alma
ser a semente, o broto, a calma
real, sem fingimentos.
(...)"*

Goulart Gomes é um poeta completo, que passeia dos meandros da alma ao estertor do dia-a-dia, utilizando-se, para tanto, de uma linguagem aparentemente simples, mas que guarda um emaranhado de

LinguaJá, o Território Inimigo

significações. A catarse é o meio e o fim neste *LinguaJá* de tantas vozes!

Érica Antunes
Érica Antunes é advogada e professora.

Sumário

PERSONAGENS QUE PASSEIAM POR AÍ...

A Legítima Desestória do Incansável Afrégio
Aroeira, 27
Antioposto, 30
Sinésio Pára-Choque, 32
Helena Chupava Alfeles, 33
De Como Redomo Desvirou Gente, 35
Xes, 37
Guerra Santa, 39
Coriolano, 40
Derreante, 42
Alegorias, 43
Marcolino Arremetador, 44
Selene, 47

EUS QUE NÃO SAEM DE DENTRO...

Algaravia, 51
33º: O Ano da Crucificação, 53
Semeadura, 54
Cerrado, 56
Cabralina, 57
Colecionador, 58
Dia, 59
Restos Mortais do Lácio, 60
Furturo, 61
Ocos, 62
Modus Vivendi, 63

LinguaJá, o Território Inimigo

Negro 33, 64
A Posteriori, 65
Penas, 67
Correnteza, 68
Permanente, 69
A Grande Ausência, 70

MIRAGENS QUE FICARAM POR AQUI

Um Amor que Aquieta, 73
Todo Desejo, 74
Lava-Pés, 75
Ensaio 14, 76
Amorfina, 77
Belezamento, 79
Noturno 2, 80
Noturno 1, 81
Dos Mares, 82
Assim, 84
Batalha Final, 85
A Última Cruzada, 86

ESTÓRIAS JÁ CONTADAS

Ensaio 5, 91
Elegia, 92
Horizontal II, 94
ADN, 95
Semi-ótica, 96
Agonia, 97
Analogias, 98
Beat(i)tude, 99
Cuerpo, 104

Goulart Gomes

Janeiro de 91, 105
Latinoamérica, 106
Menino Nu, 107
O Gato, 108
Poema a García Lorca, 109
Beijo a Tãnatos, 112

**personagens que
passeiam
por aí...**

*A Legítima Desestória do
Incansável Afrégio Aroeira*

A felicidade é estradeira

para então necessário é dissolver costuras
revirar as bainhas do silêncio e
indagar das libélulas o caminho do oráculo
onde se vendem promessas
e mistérios de semana santa
Também é preciso inferir o medo
mensurar as forças do escuro
desmontar o muro, pessoar as coisas
e represar o mito
debulhando as pegadas no cascalho
É que largaram pelos quintos
as madrugadas e cansaram
de contar estios

Afrégio, duplicativo
após muito entrevistar
formigas parideiras e perseguir calangos
pensou tê-la achado
num curral de vidro. Não era

Cansou de serrar cornos
viandou pelos chãos
até pocar os calos num quintal de luzes
onde a desinfância tinha valor marcado
na tatuagem das coxas

LinguaJá, o Território Inimigo

pela fissão da cachaça:
entremeou, desgastou os olhos
chorando branco. E andou. Não era
Aroeira esmagou estrume
e deixou asfalto fubento
xingou o tempo;
de raiva, descarregou o cravinote
na primeira nuvem que voava baixo
e capinou o buço a punhal
transbordou o embornal, de cheia
ribanceirou, ribanceirou
e se esbarrou na capital
foi dar com os quartos no tacho verde
de salmoura e areia;
desdentou de rir vendo as moças nuas
lambendo o sol
Intentou desentristecer a cidade
de tanta luz amarela
beirou as sarjetas e desancou os postes
virou bicho quando lhe roubaram
as estrelas
(não foi, era só um furo n'algibeira)
Desgostou dos fios. Era tudo enorme
sem cumieira. Rebuscou os vãos
com olhos de vermelho
fez-se escravo dos ponteiros. Não era

Afrígio pariu quimeras e teve
crias para abençoar
mas carecia de esmolos
e de encontrar sentenças

Homequá, disgrama
este é o meio da desestória, não acaba
Vigiliei Afrígio tresontonte

escondendo aurora
pegando picula com o cheiro da chuva molhada
criando cisco na lapela
Nera longe, não, pilhéria. Cansou
remendou atalhos, desconversou da sorte e
voltou pra brincadeira
artesão de latas e esferas

A felicidade é estrada...
enganaram Aroeira

Antioposto

Gosto de exórdios;
tem sabor de salsaparrilha,
que assim pelo nome espichado
havera de ser coisa palatosa

Moleques, brincamos de maus
por só conhecermos o bem
e não despartilharmos corte, de canivete
tiro, de genocídio; pratos de balança

Recordo Orzeu, que acordou assustado
verificativo
o mundo gira mais rápido
do que podemos acompanhá-lo
se entendia o claro e o escuro
macho e fêmea; querência e desapego
noite e dia era pela própria androginia das coisas
Antilético, ignorava verbete sozinho explicável
só compreendia pelos contrários

E, à noite, não sonhava
Deslembra o último que arremetera

Ignorava coisas sem aço:
os vidros que não chegaram a espelhos,
água potável, óculos sem grau, vento e
mesmo baby-doll transparente atormentavam-no

Forcejava miragens
transmutava visões

travestia fantasias
e de risos só via os gatos;
a simetria dos sentidos abandonara-o
nada validava: visto, escutado, cheirado
provado ou tocado, nada
nada
nada
nada
lhe garantia nada

Ruminava o dia por completo, plantava cogumelos

Pela ausência de sonhos tornou-se a si
um pesadelo, por pirraça

Dimensões se confundiam, a realidade fenecia
por absoluta falta de paz

Virou imortal
pela presença de vida que a morte requer

Gosto de corolários,
que assim pelo nome botânico
tem cheiro sexual de gineceu
Meninos, brincamos de sonhos
por incabermos onde nos põem
e não diferencarmos quaresma, de carnaval;
epicenos
feições

Sinésio Pára-Choque

Sinésio curupira
encantava chãos
anuviava a visão dos transeuntes
com serelepes de calango:
três quartos de século vividos
e alegria de moleque no rasgo da cara
Dentes poucos, nenhum siso
e as cabeças ocas:
muitos filhos
Sinésio envultava desde pequeno
(isto era sabido) feito raio de corisco
Liberdade é coisa cara
que não se sabe apreçar
definir ou entender
feito ar
apenas necessária

Sinésio vivera assim
desalgemado
misturando-se à fumaça das estradas
e ao lume das estrelas
feito neblina
De modo que não se precisa
na incerteza
- este mundo é uma belezura! -
a seta que indica
os rumos que tomou

Viva e deixe-me viver
uivava a última traseira de caminhão

helena

helena

helena

helena chupava alfeles
refestelada na porteira;
no reflexo do olho azul-desejo
flexionava uma antena

Helena arriscava entre a negativa
e o quasetalvez flagrado
pelo diafragma do minuto
sempre indecisa entre o verde e o asfalto;
enrodilhava fumaça de cigarro
e lascava giletes com destreza
equipava cavalos baios
na hora do fantástico
e alucinava novenas —
escorria perdas pelo ralo

Helena vivia cada dia
por sua vez
sacudia o grisalho dos cabelos
ofertado por raios de lua
e esquecia sua loucura:
ter perdido o siso
em quermesse de quaresma
fitando o impreciso outro

Helena planava
entre um e outro grito
procurando em cada espelho
um momento
Helena nem a si já pertencia
matutava cedo

LinguaJá, o Território Inimigo

despejava na cisterna gotas de tristeza
e ia coitar com o vento

De Como Redomo Desvirou Gente

Redomo encafifava suas ninharias
encastelado no quarto onde venturava fêmeas
entre frases de Khayyâm
desarrolhadas do vinho
Degredava coisas do dia
tinha mania de mascar rosas pra cuspir o sumo
- descansava as horas -
Difícil a lide com os espinhos
pois não tinha hábitos de boi
ruminante de palmas de mandacaru
asveis esguelava, tossia, chorava
é que as rosas, como as caças fugidias
tem ocasião

Ele trazia uma sombra acantilada por dentro
que lhe retesava a cara feito borracha de badogue
ou livro de capa dura
Redomo tinha cheiro de vírgula
e escarrava travessões
entre as dez e o meio-dia
expelindo alegria
Numa noite sem lua, lendo Kafka
virou traça
e até mulher só comia de papel
virou letra gorda, aprendeu a envultar
derrubar frasco de penteadeira
desinventar besteira
e passar mingau em beijo de quem reza
e fica sem dormir
virou assombração
hoje atravessa rimas
e mija em olho de formigueiro

LinguaJá, o Território Inimigo

Redomo virou o cão
entre uma frase de Nietzsche
e um diálogo com Camus

Xes

Profundo azul
meus olhos miram tuas janelas
defenestram sonhos
num jogo de ausências
preto branco preto branco preto
milhões de cores
praça vermelha
labirintos de memória
a glória de ser *machina*
e não saber

tiques, bits, chips

rolam as pedras da torre sobre o rei
rock, instante, sua vez
o movimento num bailar de zero e um
preciso, matemático
entre um turbilhão de neurônios
e neuroses de peão

sistemas nervosos eletrônicos
silêncio
o silício doce de outro vale
cavalga pelas veias
cpu, ram, rom, hal
e nossa inteligência mero brinquedo
artificial
tudo é um jogo de sistemas: kasparov mov
xeque!
operacional, magnético, virtual
deep soul, deep jazz, deep blue
ataraxia - a cabeça gira

LinguaJá, o Território Inimigo

a terra (quem diria?) menos azul
p e r d e r

isso é pra quem conhece
o frio da sibéria lambendo o peito
e já tropeçou no fio da tomada
deu branco, empreteceu
não há nada além
que uma bandeira quadriculada
no final

Guerra Santa

Peleja de cruzes
e baionetas
couro estriado na
lâmina da caatinga
curtido entre crâneos
que fazem estrada
num feudo de urubus
empanzinados
em tripas de soldados
o velho e sua barba estavam mortos
estirados a poucos palmos de profundidade
no gosto de enxofre e pólvora (a fé estava morta,
crucificada em tiros de canhão, afogado o sertão no
mar de sangue dos que não se perdem)
a vergonha estertorava
numa ponta de facão e
Malaquias galopava doido,
cinzindo pedras a punhal;
outros homens
desenganavam a fome
com lascas de répteis
enquanto enlabaravam-se
os casebres na
agonia da tarde
quem não pedia
a morte
desenganou
a estrada, qu'inda
seguia, chegou
o tempo
do
fim

Coriolano

Não tinha tempo para dúvidas
incertezas, possibilidades
Nascera empilicado e excomungava
as coisas que passam
tecnologicamente velozes
Atinava que no céu não lhe cabia

Enquanto terceiros voluteiam
entre as luzes dos shoppings
(onde nunca é noite ou dia)
os grãos petrificam-se na ampulheta
intercadenciando as horas
Coriolano deixava manchas no espelho
e a estupidez demarcando ângulos
pois retornos é o que buscava

Matar é fácil, corroborava

Primeiro requer mudar de avenida
de trilhas, de cidade
mode escapulir das vistas;
trocar de rádio pra não ouvir as melodias
e escolher outra água-de-cheiro
É preciso atupetar o tempo
de coisas novas
bascular as casas de insetos
e curar bieiras
Andar composto
para atrair moças não-bulidas
e bagunhar a sorte,
crescer os olhos pro desejo

Matar é fácil

Necessário é não se embrechar de logo
não ser descalqueado
e, mesmo engiado, requentar-se sozinho
Matar é fácil
não de morte morrida, nem matada
mas de morte pensada
esquecida, relegada

Tudo isto Coriolano sabia
e tanto matou, a cada lua
que já nem conseguia
soletrar-lhe o nome
Apertava o gatilho do esquecimento
e apunhalava as costas da memória;
Coriolano aprendera e cravara
sua primeira cruz no massapê

Quem dera descobrisse
que difícil é fazer viver

Derreante

Dia s'ingole um por vez

Deodato falava tristeza
em vinte e sete idiomas e três dialetos aborígenes
Ele julgava que as coisas são eternas
como aquelas fotografias
que teimam afrontar o tempo
em preto-e-branco
nos álbuns encardidos
Mas o saber é inimigo da paz
e poetas só podem ser amados à distância
Perquiria como desgostar
de quem não consente apego
pois quem não consegue debulhar paixões
é um eunuco afinador de berrantes
As armadilhas do desejo são sabidas
melhor jogar dados com o Archanjo Gabriel
que melar o papel de rimas inúteis
Deodato era estúpido, vivia engasturado
carecia de colo e não viajava de avião
gostava de capar calangos
para frigir-lhes os testículos
(não sei se por desamor ou pura perversidade)
Definitivamente Deodato não era amado
nem sofria misoginia
apenas não decifrara a senha do aplicativo

Homem que não tem ventre, não tem pátria

Alegorias

Carnavais
chocam-se cimitarras
ao som dos baixos altos
das guitarras
máscaras que retiramos
das formigas as cigarras

nestes dias
todos os prelúdios são iguais
alegorias de alquimistas
trôpegos

não há o que dizer
além dos surdos gritos
dos momos
os saltos das múmias
e os trejeitos dos monos

este minuto não vai ser
igual àquele que vai ser
cinzas de desejos
o que restou?

Marcolino Arremetador

Marcolino esbranhava-se com veemência
isso era peremptório
O impositório do impossível lhe ridicularizava

Celeste, furtiva
esquiva, dissimulada feito Capitu
escoiceava

Não que não pretendesse:
tinha seus eivos
suas inclinações ao tentatório
um bruto que a abastava
e bugrinhos chucros
entremeando-lhe as pernas

Essas coisas de querência
tem mais vidas que gatos remelentos;
ano pós ano sucedia-se
e aumentava o desejo, o medo

Ele abalroava, insistia, tentava...
e se consumia

Celeste habitava os seus particulares:
banho de rio, sono gozoso, escuro,
fim-de-semana à-toa;
umedecia-lhe as cuecas, surgia à mesa
habitava revistas
suecas e dinamarquesas

À noite, com damas de luzes vermelhas

entre cortinas de contas coloridas
comia Celeste no imaginário

Evidenciava-se em mimos
e quinquilharias
presenteadas com afeto incomum
há quase dois lustros

Ela imaginava, ardia, recuava
debatia-se em dúvidas de cio
sua própria seiva exigindo
lutar ou fugir

Certo dia findo
o destino ou outro qualquer fantasma
confrontou-os numa trilha
de poucos passos pisada

O terminativo é indefinível

Uns falam que nesse dia impreciso
uma fragrância mágica cobriu a cidade
outros dizem que uma chama brilhava
nos ventres, implorando semens e
terceiros acusaram uma sede só saciável
em ângulos, retos ou curvos

Marcolino e Celeste jamais se reviram
Encontros e desencontros não se explicam

Fato é que em um somaram os dias
que poderiam dividir
e as águas salgadas do lago brotado
no meio da trilha
até hoje tem poderes de Afrodite

LinguaJá, o Território Inimigo

Extinguiram-se, danaram-se
e marcaram na alma a pele do outro
eternizando a matéria

Um pôr-de-sol não se repete

Selene

Havia
era noite e nos teus olhos
arcos refletiam
negras íris
ao largo da baía
o brilho da lua
no teu rosto
cal ma ria
o mar azul
a terra azul;
e o céu
quem saberia?
sentia
um mundo ao lado meu
 os lábios
e o sol
no peito ardia
 além era saturno
 quem regia?
cem noites no mar
sem dias
do alto o que se via
nenhum satélite
hades negar
 aquela mancha lá
 sevilla ou bahia?
e aqui teu corpo
revolto
nos recebia
 a maré...
nos teus olhos ainda
as luas se despiam

**eus que não
saem de
dentro...**

*Algaravia*¹

O que se sabe de mim
é que roubo palavras ao vento
furto horas ao tempo
e imagens à película:
sou um ladrão de cutículas
redentor de movimentos
coleciono momentos
em pequeninas partículas;
assalto estórias perdidas
e o que não sei, invento —
quixote e moinhos de vento
habitam-me alternados
caminheiro de atalhos
ignoro as desditas
é o que basta dizer:
que componho versos sem métrica
e desconheço estilos
falo do que não entendo
calo o que não consinto
aborreço o meu dia
e alimento a gaveta
de papéis escrevinhados
de outra tanta algaravia
que nos despe de encantos
e reclama melodia
noutro tempo, outro canto
e outro tanto se cria

¹ Menção Honrosa no Concurso de Poesias do Sindicato dos Escritores, RJ, 1992.

ao falar velhas palavras

tédio... é meio-dia
quando os ponteiros se encontram
e príncipes desencantam
de coxos já cansados
por beijos de lindas donzelas
... mas isto é já outro caso
(também de amor, mas sonhado)
que não nos compete falar
tédio... é meia-noite
e lobisomens se encantam
de uivos agoniados
por pragas e maldições;
a lua vai se deitar em leitos de outros ladrões

33º : *O Ano da Crucificação*

Quando as solas dos pés já estão rachadas
é hora de dar as mãos aos cravos
e as costas ao madeiro
encharcar de sangue
cílios e sobrancelhas
que os fatos não se consumam jamais
e de concreto só há a traição

Quem são meus pais e meus irmãos?

É o ano do fracasso
da temporária derrota, ineficaz
por que choram madalenas
e galos cantam na madrugada?
Há pão e vinho em fartura
acreditamos em milagres
na ressurreição dos corpos
ungidos em essências, enxutos nos sudários
arrastados nos calvários
crucificados nas procissões

Cada gólgota de solidão tem seus ladrões
cada via, cada maria
cada costela de adão
Necessário o batismo dos lábios
a via crucis dos colos
conduzindo à perda
ou ao perdão

Semeadura

Não me chamem para a colheita,
eu tenho mesmo é uma relação
incestuosa com os grãos

catar as sementes, colher as boas
e eroticamente introduzi-las
na vulva da terra
cobrir a terra
e esperar a chuva

bendizer o milagre da fecundação
saber que existe um ser
em cada grão

e ver crescer a planta
sexualmente multiplicando-se
entre androceus e gineceus

o nosso é um caso de amor
como o que existe entre uma menina
e sua boneca,
essa necessidade de dar vida
concebê-la, cuidá-la

eu gosto mesmo é de morder os grãos
crus
marcar as mãos, calejar os pés nus
debulhar as sombras
e esconjurar as pragas

os espantalhos são meus irmãos
crucificados entre as plantações

LinguaJá, o Território Inimigo

nem bons nem maus ladrões
sou mais de assustar as nuvens
e macular os rios
ouvir o eco a responder distante
meus desvarios
necessito muito é de cantar sozinho!

mas não me chamem para a colheita
se puderem... mandem-me os grãos

Cerrado

Mesmo os destroços mais velhos
te são novos
os caroços das tardes
nas esquinas
os ciscos das patas, nos olhos
o galope do tempo
pelos postes

...

estes riscos de raios
eletrocutando os sons:
um silêncio de morte fecundando a vida
nestes poros
volante assombro mata
— estrelas nas cabeças;
estampidos nos cerrados —
há flores nos pés de mandacaru
páginas vivas no aquário
e um gosto inflamável de adrenalina
troteando as glândulas

...

mesmo os caroços do tempo
me são doces
pendem dos postes
irrompem num prenúncio de madrugada

Cabralina

Em cada gaiola um ninho
em cada rede um finado
pele e ossos, passado
o homem, o passarinho

e se se fala em deserto
impõe-se um ceará
saara menor, quiçá
ou outro do peito perto

que o que dista permanece
em alma fundo lavrado
amor que requer cuidado
e os fios encanece

coleccionador

criamo-nos prisões
grades guardam nossas crias
dos ladrões

— Acendam os faróis!

não há caminhos mais curtos
entre nós... cegos

um museu de borboletas
aquarelas crucificadas
(minhas asas tem alfinetes)
porque precisamos da beleza
assim, aprisionada
e se quero-nos
é por nada

Dia

Encher d'água os pratos
e descobrir o óbulo
 (há baratas!)
lavar a latrina e arrumar
almofadas no sofá
 - costume dos antigos -
dor, rotina

vídeos, games
 eletrônicos
barbitúricos coloridos
 oligofônicos

tempos idos de filosofia
é noite é dia é noite
 de manhã chovia

Restos Mortais do Lácio

Há um caminho em todo desatino
serve tudo que foi largado
pelo caminho:

*bagos de jaca, cadáveres de
formiga, tiras de chinelo que
não soltam as tiras, fura-pés e
sacos plásticos (que são imortais)*

conhecemos este caminho que é
infinitamente o mesmo
com seus talhos de terra

perdemos
tempo, dinheiro, amores
em troca de uma ninharia
e elegemos a sombra
como única companheira, esguia
mimética às situações

das mãos penderam os versos
tendões à mostra
as unhas roxas de debulhar feijão
e matar piolhos gordos, irmãos de sangue
nada nos adorna
a felicidade é uma coisa morna
assim

feito peito de puta
ou mingau de tapioca

o silêncio nos sufoca

Furturo

Curiboca não tem futuro
os dias se espicham
sucendendo-se entre os clarões
de escuro e luz
aquiali, aquiali, aquiali

não há rememoros
amanhã é a conjuração das horas
não existe o que não existe
quando for, passado é

futuro é fermentação
adubo de crâneo, vontade
e se o presente atende
outros se desfazem

puxamos a corda dos ideais
para trazê-los aqui
perdemos metais e, senão
enfeitam-nos uns tufos
de pelos brancos

corre, flutua
as nuvens também se desfazem

Ocos

Calejar as unhas de catar besteiras
incômodo como bicho-de-pé
pior que espinhela caída;
há quem por não fazer mormente
encontra e encasula vazios
na terceira gaveta
na última prateleira
ou em bolso de ceroula;
é difícil desencontrá-los
pois carecem de companhia
e se enrabicham por qualquer palhinha;
depois viram mania, antimatéria
partícula, consumição

vazios se parem sozinhos, se clonam
e vão trazendo vizinhos sem apresentação
comem, dormem, ficam
que nem cunhado ou sobrinho
perseguem tudo que inexistente
carecem de medição

como tudo que se gosta prevalece
cuidamos mais deles que dos concretos
perdemos
apertamos a campainha duas vezes

Modus Vivendi

Perdi-lhe o cheiro
e já nem reconheço
sua caligrafia

Um dia minha irmã
só me conheceu
mode os olhos
inegável nesga, vastidão sem fundo

O aço dos espelhos perdem o fio
pelos anos
e morrem vidros
onde só espiamos os outros
pelo contato das lentes

De dia o sol guia
à noite, constelação;
nas brumas alguém tocava acordeon
dois silêncios adiante

Nem o dia, que morreu tão velho
teve velório
Ubres pécas me guiavam
enquanto coices me erguiam

Eu arrelio do que faz riso:
perdi os dentes
no oitavo assalto do domingo

Negro 33

Cores e cores sobre preto e branco
pletora de óbulos
moedas de polipropileno para Caronte
rubras, anís, paludas, pálidas

Tudo gira
todas as fichas caídas
negro trinta e três
agora é a vez última
todas as jogadas foram jogadas
negro trinta e três,
crupier dos infernos!
a cada ano a menos
e nunca, mais!

Vão-se os anéis,
cortam-se os dedos
e o medo, e o medo, o medo
trinta e três
— Diga trinta e três!

Todas as apostas foram perdidas
todos os números são iguais
todas as mulheres são iguais
para quem está de fora

Os destinos são desiguais
o mundo gira *negro...*
...trinta e três

A Posteriori

Ainda me espanto
com os beijos na boca
da juventude
que confunde Kafka com Karl Marx
Ainda me assustam os top-lessees
das meninas
e a naturalidade dos campos de nudismo
Ainda acredito em Papai Noel
tenho medo do bicho-papão
e das almas que puxam pés

Ainda me intrigam os mistérios do amor
o raciocínio das mulheres
e a maldade dos homens
Ainda me afetam os rostos de crianças
em corpos de Graças
Ainda me ferem
os impropérios que profiro
as negativas que ouço
e as paredes que me ergo
Sou antigo, demodé
difícil de entender
até para mim mesmo

(...ainda me surpreende a infâmia)

Ainda me irrita minha covardia
o medo de dizer
e esta eterna dúvida do amanhã

Ainda me entristece
a fome do mundo
o desespero das mães
e a impotência das mãos
Ainda creio.
Ainda não uivo à lua cheia

Penas

Malabaristas de giletes
funâmbulos
equilibramo-nos na lâmina cega dos medos
sobre abismos de possibilidades
na medida certa da existência

aboiadores peregrinos
sustentamos o eterno grito de Munch
sob um céu de Van Gogh
em algum milímetro da laringe

já nem as pitonisas
- relegadas, pelo avanço do futuro
aos escombros do passado -
podem ajudar-nos
nem todos os ritos de Pitágoras
celebrariam o Sol que há
certamente por trás das nuvens

sofremos os limites
de sermos apenas homens
sem o teto azul das gaivotas
sem o chão azul dos golfinhos

apenas homens, azuis apenas
quando esferográficos traçamos as pautas
com nossas penas

Correnteza

Passavam pelas águas lívidas
retalhos ofuscantes de passado
embarcados na dança líquida
em canoas quadriláteras

Vinham contra a maré
(ou era eu quem ia?
 difícil costurar)
e me bem ou maldiziam:
não eram meus
corriam na rolimã das gotas
desancorados, desarrimados
por afora
nem doces nem salgados

Não me pertenciam
inútil lançar teias
amolar anzóis

Minha nave indômita seguia
irretroátil
para canto algum

*Permanente*²

Dizem-me as cãs
que chegam as manhãs das rugas

Escorridas as chuvas
aplacadas as rugas
aro os sulcos
encharco-lhes os furos
com água salgada

Esquecidos os futuros
guardo o pretérito em frascos de vidro

Encaneço alguns fios
enevo-os, perco as vontades
emprenho as idades -
amanheço pré-histórico
gastando lápis
na ausência de brinquedos

Para o ontem, ainda é cedo
dizem as bruxas

² 5º Lugar no V Festival Petrobras de Poesia, Macaé, RJ, 1997; Menção Honrosa no Conc. Nac. da Acad. Santarricense de Letras, 1997 e Menção Honrosa no I Concurso de Poesias Prêmio Lubivar de Matos, sendo publicado em antologia pela Editora UFMS, 1998.

*A Grande Ausência*³

De mim sou só metade
outra desencontra-se
em perdidos atalhos
de caminhos mal trilhados

Embebida na fonte do passado
e maldita em soluços desesperados

Minha meta esguia
refugia-se nos escombros
foge até da luz da lua;
minha vontade é fugidia
e a minha covardia é sombra
remanesce de antiga idade
cortina de claustros
recendendo a enxofre e mirra

Minha solidão se alimenta
de voz humana
e em metástase contamina

Há derrotas presas na parede
palavras frias que me são troféus

Herói sem glórias
de incerta história
e metade sem futuro

³ Menção Honrosa no I Concurso de Poesias Prêmio Lubivar de Matos, sendo publicado em antologia pela Editora UFMS, 1998.
70

**miragens que
ficaram por aqui...**

Um Amor Que Aquieta

Esconjurar sobressaltos
num amor que aquieta
que acalma
pela certeza serena
da paz que se revela
nos atalhos das mãos
no encontro dos chakras

Emancipar de almas
beirando o espaço
amor de mulher e homem
plenos na consciência
dos seus gêneros

Ah, meu coração de areia e sal
que se banha no oásis do teu corpo
e se afoga no afago dos teus olhos

Um amor que acalma
a tempestade em meu peito
um amor que aquieta
e navega pelos rios do silêncio
ainda que os pelos
digam o contrário

Todo Desejo

Trago em meu braço um relógio mudo
bufão do tempo, ironia de perdido

Vivemos escondidos porque sabemos
da cor dos vinhos e do fulgor dos sóis

Assistimos as nuvens, o cortejo das formigas
e das ondas;
brindamos ao calor dos hálitos

As mãos são náufragas nos corpos
não se acham: têm certezas

Não há mais que o possível,
a necessária união

Tudo quando somos donos nossos
onde é permitido mesmo
sermos humanos

Ensaio 14

Queixume é negro, breu anum;
cabelo no betume
A lascívia é rubra, a fome de língua
deslizando língua
peregrinando a boca
de uma barriga a outra
O lábio é tato de tudo, pressente o quente
aninha o frio, se afunda, morno,
perquere, colore com palavras proscritas
As silhuetas têm dimensões pensadas e perfeitas
e o volume, e a massa, e o ventre
se escondem perante o assombro
o berro, o gesto confortável
na onda máxima, física, quântica, que abunda
é

Certos incertos corpos cicloneiam
ao arrepio da calma
desvairam as demais vontades
deixam de inquieto o cheiro fescenino
enviam almas ao Estige, dão as costas
fazem loucos, ignoram o fogo que aflige

Só mulher contém beleza
é coisa que só se pode pensar azul
linha e agulha do horizonte
sal da terra, independente das areias

Mulher é beira-mar, coisa de aspirar
não de entender

Amorfina

Viver numa falta de ritmos
com vácuo nas veias
e constantes arrepios
predando desvãos de retinas
e línguas malsãs

droga se é boa
necessárias palpitações engilhadas
caídas de espinhela:
nem toda luz é dia

se a mesa é farta de cores
lembranças tiram o gosto do giló
e rescendem melaço
cheiros espiralam no tutano
feito pião

quem provou viu que é bom
justifica a dor, arraiga
e permite sobrevidas de gatos
semeia verde até nos olhos
colhe tempestades
de gosto é impreciso

amorfina dilata vasos
entorpece sentidos

cura moléstias contraídas até à distância;
quem não leu tatuagens de árvores, ignora

espoça a jugular, sufoca, tensiona
coxa de moça ou maçã de rosto madura

bico duro e pelo
saliva, giro de língua, glúteos
contém gramas
e não existe dose letal
se o siso escapole, recompensa
o riso amaina e se a fome é leviana
esconjura
rouba o vôo dos pássaros
sê leve ao corpo que te recebe

Belezamento

Causa perigo quando beleza é muita
espanta, risca o chão de desespero
assombra, simula contentamento
porque de tudo nos perdemos um tanto
e fica nas coisas um cheiro de gente

feito a gravidez da lua
que embestece o siso
quanto até mio de gato ou grito de jia
amolece-nos

uma mulher é seu vulto
e o que lhe compreende de intocável
de imperturbável
ou quando se renova pelas crias

redemoinho de beleza ensandece
incha as artérias, põe vertigens

melhor prender o corpo dentro dele
(entregá-lo é coisa feia
provoca remordimento)
e boniteza carece plenitude

Noturno 2

Este quarto à noite é maior
é mais vazio
As coisas são maiores
a solidão
a insônia, o cio
a tristeza
À noite dói mais o dente
e a escuridão
maiores são as paixões
e os medos
As pontas dos dedos
ultrapassando o lençol
pequeno
Maior é a agonia

Esta noite, ao leito, é maior
somos mais vazios

Noturno 1

Retirar dos ganchos as virtudes
afogar as luzes
de outros abat-jours

falo ao telefone
mudo
eunuco de sentidos
fala ao mundo
entrelinhas
às paredes que me cercam
escuro é o silêncio das esquinas
um colchão ébrio de sonhos

ouve
um eco ao longe
além das vidraças
há muito ainda que temer
nesse estranho mundo

estou perdido
acabou-se o dia, acabou
o sono
não a alegria
interlúdio
o frescor do brilho
de uma alma
bom dia: apenas eu
que te amo

*Dos Mares*⁴

São vagos os tempos
vagas que lambem as horas
beijam as portas
invadem
nos vãos e desvãos
as ruínas, o cascalho
das marés que nos levam
das marés que nos trazem
somos vários

foge o medo de afogar
porque palmilhamos
o rochedo dos seios
e o porto seguro dos ventres;
os dedos embaraçam nos cabelos
entranhalínguas
choques de lábios e dentes
receio

quando a voz não enche os ocos
é preciso mais que o sussurro
ou o silêncio
necessário é plasmar
todos os uivos ouvidos ao luar

perfeitos ou proscritos
pertencemos ao infinito
mais que a alguém
o vento sopra os pés

⁴ Menção Honrosa no I Concurso de Poesias Prêmio Lubivar de Matos, sendo publicado em antologia pela Editora UFMS, 1998.

LinguaJá, o Território Inimigo

n'a areia
e os dias varrem os caminhos -
deita aqui, chove:
os travesseiros estão frios

*Assim*⁵

Só seu riso me consola
algo liso que desola
e recompensa
pensa: estou longe, estou perto
estou deserto
sem agulha na vitrola
(vide-verso, vide o K7)
só você me desconsola
e aperta o botão
na hora incerta;
estou ficando pro futuro
estou ficando duro
de se ver, meio pause
autoreverse mesmo na poesia
só você me esvazia
e preenhe, me preenche
de alegria
argonauta no deserto ou
tuareg em alto mar
certeza do incerto
quando perto da beleza
pura
só você me atura
ignorando o dito
você me deixa aflito
talvez até bonito e triste
sei, você existe
não há como voltar

⁵ Publicada em *Sob a Pele* (João Scortecci Ed., SP, 1994) e no porta-poemas *O Dom de Amar* (Pórtico Ed., BA, 1999).

*Batalha Final*⁶

Se amanhã me condenarem à morte
ou se o Halley beijar sofregamente a Terra
quero ver por último o brilho dos teus olhos
Quando a praia vier dar no meu quintal
e todo magma exsudar na minha sala
vou inalar profundamente os teus cabelos

Quando toda lava do Vesúvio e
todo suspiro dos vendavais
assomarem à minha rua,
será no teu colo que estarei deitado
(des)esperando o último momento
Ainda que todo o sal dos oceanos
e toda terra das montanhas
aterrissem no meu teto
só teus lábios soterrarão meu corpo
Os tanques cinzas do Tio Sam
estacionarão no Abaeté
e ferirão o farol com seus punhais
mas eu estarei deitado
acima, abaixo, sob, sobre, ao lado
em você, de qualquer jeito,
quando todos se forem, míssil indetonado
E quando os patriots e exocets
desfizerem minhas nuvens
não haverá dia seguinte:
estarei no túmulo dos teus braços
explodindo em milhões de átomos, desintegrando:
o último soldado desconhecido...

⁶ Publicada no *Anuário Pórtico* (Bahia, 1997).

A Última Cruzada

Deixa entrar o teu cruzado, ele vem
cansado dos embates
traz na manta o pó da terra santa
e sangue na ponta da espada;
bate à porta da amada
entre a noite e a madrugada
cruzou os montes, os vales, os bosques
sorveu todas as seivas
maculou caminhos
para vir agasalhar-se no teu ninho

Deixa entrar o teu amado, abre as portas
as janelas escancara, venezianas,
não defenestres o sonho, não olvides
o bardo de antanho, ora submisso;
acolhe-o em teu castanho colo
banha-lhe o corpo
e fá-lo teu humilde amigo

Deixa entrar o cansado andante, guerreiro
ele vem de outras terras, de outras gentes
herói ignorado, lança em riste
extenuado das cavalgaduras

Deixa-o invadir tuas entranhas
derramar nos teus ouvidos palavras cruas
algaravias estranhas, aprendidas entre
mouros e ciganas,
desfalecer nos teus braços
em vão combate

Deixa-o, não é templário, é só um vate

Deixa entrar o teu amado, pois agoniza
sê o bálsamo, o unguento que batiza
ou sua extrema-unção;
desata-lhe das vestes as ilhargas
pensa-lhe as feridas, cura-lhe as chagas,
ah, como foi longo seu calvário!
faze das tuas fronhas seu sudário,
és o fim da longa estrada

Vê, há rouxinóis em revoada
o campo é manto verde
e a lua já não tarda
deixa entrar o teu amado,
abre-lhe o peito, serve-lhe o vinho
faze do teu leito o campo de batalha
que é no teu corpo sua última cruzada.

**estórias já
contadas**

Ensaio 5

Sonho
sobre a cama
teu monte assoma
gigante
perfeito, reto
relva baixa
cerrada
gramíneas negro-ruivas
paralelas;
ao meio o mar
vermelho
pernas, peitos
hipérboles em profusão
inexatas
com o colchão

a reta
irá se perder
no infinito
ao teu último grito
afogado em leite e mal
duvido que haja
travesseiros mais bonitos

Elegia

Você hoje é Shangri-lá
desejo de tudo que não houve
por medo, covardia
ou vontade de negar
por destino, ironia
cidade vazia, torre de marfim
aqui

você foi Taj Mahal
na madrugada sorrisal
um brilhante girassol
à luz da lua;
você era nua
estátua de cristal
madrid, deserta e linda,
era
espera... talvez Seul
em plena Guerra Fria!
saloon de far-west
ao meio-dia
dançarina de can-can
no Moulin Rouge
você foi a Bahia:
feitiço, magia
e nada mais

e hoje é fantasia
columbina e arlequim
você não sabe em mim
vazio de escotilha
em nave espacial
que ficou

you não é normal
é simplesmente tudo
Natal em pleno julho
jejum em Carnaval
alma: essencial
amor adolescente
em leito conjugal
mais bela que mulher de trinta
you é linda
ainda que distante
ainda

*Horizontal II*⁷

está proibido o sonho o ri
so a utopia e ainda que h
aja um brilho que não é d
os sóis a poesia irremediá
velmente esquecida num
banco do jardim nem o ch
eiro de mim eles mandara
m nós calamos não sentim
os nem dor colocamos sob
uma pedra o amor e senta
mos nela esquálidos e esv
aziamos nossos pratos e la
mbemos o que restou da a
tmosfera é uma outra era
de ilusões perdidas e gest
os bizarros ainda que exis
ta o azul do olhar perdido
sobre o mar que se esvazia

⁷ 2º Lugar no I Concurso de Poesias Prêmio Lubivar de Matos, sendo publicado em antologia pela Editora UFMS, 1998.

ADN

O mundo é bem pequeno
o menor dos bens
concretos
que se pode per correr

terras azuis
marrons nas águas nada(m)

cronos somos
cheios de gens

ácidos em espirais
ADerNam

n
a
u
f
r
a
g
a
m

caminha
em si plantando
nem tudo há

Semi-Ótica

Esteiras de linho
tenho cruzado adagas
e cegado meus caminhos

o vento toca seu alaúde
estão trancados nossos sonhos
bem guardados no escuro

vermelhidão de mar
mortovivo, plasma de segredos
e os medos nossos

não sei bem se posso seguir
estes desígnios ou
minguar à fome
destes signos

Agonia

rio... em teus olhos o tempo passa e
outras manhãs descortinam
sei, sim, que não nos pertencemos
assim como o tempo passa
nada mais resta além
imagino que não
ainda que desperto

sei que muito pouco te interessa
agonias em asas de morcego
navegando pelos ares da noite
te quero (única verdade
intrínseca em meu peito
ainda que tardia), sim
guardei poesias para ti
orvalhadas de temor

o certo é que vivemos
libertos de nós mesmos
inventando o amanhã;
valeria a pena virar o rosto
e negar o sonho?
imagino, imagino-me em teu hálito
rodando ponteiros num círculo estático
assim como o tempo passa

Goulart Gomes

Analogias

para Jorge Luis Borges

As portas são como as esquinas
e os espelhos

Vocês nunca saberão quem vão encontrar
quando as abrirem
quando as cruzarem
quando os olharem

Mas quando as abrirem
reconhecerão quem bate
E quando as cruzarem
identificarão quem anda
Mas quando se olharem
nem sempre saberão quem olham

*Beat(i)tude*⁸

hora de lavar o rosto e enxugar as lágrimas
chegar ao fim é apenas o começo
aquela velha frase indigerida
"a vida continua" sempre
o eterno novo, heráclito, virá a ser
só nós não mudamos
e continuamos a sentir as paixões como antes

sentar na pedra não vai fazer
a estrada parar de andar
somos nós mesmos, apenas, somos nós
temos tanto que nos falar!

estou chegando ao fim, baby
e você me ajudou tanto a chegar lá!
areia na ampulheta e lei da gravidade você foi

a vida só dói quando se pensa
e o fim não é tão ruim
estou chegando sim, baby, rô, enfim;
não um grande amor, uma grande besteira
uma grande vida e tudo que ela pôde dar
cinco sonos, depois você chegou
e no sétimo quero descansar

pegar minha mão no ônibus
trem, navio ou avião, sem ter medo
e me rir cheia de dentes nada vai mudar
pequeno alento, beijo ao rosto do defunto

⁸ Publicada em *Sob a Pele*, no jornal *Diário da Manhã* (SC, 13/10/94), no digest *Poesia Diária* (Internet, 14/8/97) e Menção Honrosa Concurso Nacional de Poesias Moacyr Felix, Sindicato dos Escritores (RJ, 1992).

sobre o asfalto
sim, baby
você é um tombo para o precipício

descansar na tua paz
deixei-me, nu como nasci
de alma
deixei-me nu
totalmente cru nesta viagem
escrever é a grande droga e você
agora só resta o beco sem saída
uma imensa parede de tijolos vermelhos
os red bricks duma velha lição de inglês;
compartilhei com você veleidades
e deixei a velha pele aos seus pés
você não me reconheceria!
já não sentia nada a não ser a sua voz
anestesia
num olhar de entrelinhas
(estranho
menina de olhos pautada!) -
cruzei o rio em sua barca
e fiquei por lá, quer vir?
descubra alguém que a carregue
idem adeus é tão distante e
tchau é até já;

carregar a casa às costas
caracol, é sua vez
se bebesse de vez seria bem melhor
velcron te grudei
em alguma parte por aqui
compartilhar, amor, é dividir
e não somar, meio-eu, meio-você
três em um quarto de qualquer tempo

e o veneno já correu
todo o meu corpo
"você precisa amar"
e o sangue não chegou ao cérebro
"você precisa ser, amada"

nasci das águas, nada me pertence
vi(vi) tudo o que devia
alguém tem de fazer algo
mas não sou eu,
grande grande grande viu?
vis seus quadris
não exprimem mais nada eu
já lhe roubei o segredo

já, já me ensinou a gostar
de mim como você
tchau, adeus, adeus
você também cumpriu sua missão

por que estes anjos apostam
tanto em mim? não sou um deles
não tenho perdão, direção ou jeito;
acordei mas não gostei, nem de dormir
vou estar aqui
olhando pra vocês

não me olhe assim, com pena
sou justo e temente
isto é só uma agonia
o fim já vem pra nós
vou fingir que nunca estive aqui
e o pedaço que sobrar
saberei que foi o seu
não beije, não, oh, baby, rô!

quem sabe um dia
quando eu não puder mais abrir os olhos
já vivi demais, eu sei
e não quero incomodar
lhe saber eu sei abdicar
vá embora, baby-sitter
desta vez eu tenho que fazer sozinho

obrigado, baby, rô!
quem sabe em outra vez
mas vou seguir seu indicador
lhe acenar com todos dez
esta é a estrada que você me fez

ouço o beat no peito
ecoando no colchão
se escorregar, eu sei
vou estilhaçar em mil pedaços pelo chão
morder o coração feito uma esponja
até dessangrar

guinchar de rodas e uma pancada
seca por trás
na última visão um líquido escarlate
chupado pela areia
gritar de vozes
multidão que faz ciranda
"eu não tive culpa" ouvir
- obrigado por ter tirado um fardo
de sobremim.
você me trouxe, baby, rô, até aqui
mas não pode ir além
no elevador só dá mais um
estou aqui
a um passo da eternidade

LinguaJá, o Território Inimigo

(meus heróis morreram crucificados)
é tudo azul no infinito
em vários tons, oh, baby,
você me libertou
grande e bonito sinto
ô baby, rô, você é linda
e eu vou

Cuerpo

cuerpo
extraño los mis ojos
no sí acostumbrán

tanta luz
danza el cuerpo tuyo
flota

más
alén el vacuo el éter
el lobo las uvas

maduras

bailán
sobre el pecho tuyo
la locura

el cuerpo tuyo
flota
el cuerpo mío
bicho
aluna

Janeiro de 91 (Kuweit)

passos largos de botas
e o brilho dos teus olhos
imagens que se confundem
de emoções mal dominadas
e paixões inusitadas
haverá paz? ecoa
e ninguém sabe responder.
os anos que começam podem não acabar
e já não sabemos aonde nos levam,
um cheiro (de pólvora ou de enxofre)
nos circunda, não podemos precisar,
dormir com medo, acordar assustado
no meio da noite
com as mãos em sangue
sangue do meu sangue, carne da minha
por que te matei?
esaú jacó caim abel rômulo remo
e a mão que afaga -
estrelas cadentes explodem no chão
noite de calor infravermelho
sem solidão
coxas duras, como as tuas
de pisar n'areia
bronze blindado, metálico
morrer na praia
e ver o céu parir o sol

Latinoamérica

Cães vadios, perros locos
uivando para os néons
(suas luas esfiambradas)
latinoamérica atrás do trem
da história,
marcas de solas nos rabos
e de fraquezas no peito.
Há lobos em peles de cordeiro,
tosquiados
mal-amados e perdidos
torturados uns, outros ridículos
incinerados
vinte anos perdidos por
banguelas sorridentes
(este é um país que vai...)

*Menino Nu*⁹

a meu filho, Gersínio

O menino nu corre pela casa
corre pros meus braços
corre no meu coração.
O menino nu não sabe
que ele sou eu
como também não sabe
uma infinidade de outras coisas
igualmente sem importância:
ele nem sabe o que é estar nu!
Estar nu de corpo, mente e alma
ser a semente, o broto, a calma
real, sem fingimentos.
O menino advinha que algo nos une
e sente o quanto dele sou dependente
como dele preciso
para ser o palhaço que sou
sem ser criticado.
Por permitir que eu seja
o tolo que sou, nas horas verdadeiras
quedo-me escravo
inteiramente seu.

⁹ Publicada na antologia *World Poetry*, Coréia do Sul, 1990.

O Gato

um gato
no meio do asfalto
me lembra Cambises
passo ou disfarço?
quantas vidas ainda teria?
rompe o assombro
salta ao meu peito
consuma-se o fato
mia
mato ou não mato?
atiro-o à moita, volta
triste agonia
a de ter pelos passos pelos
macios, quentes, vivos
olhar que alumina
lume da noite
e o rabo irrequieto
ponto de interrogação;
arranha a pata
afia a unha a meus pés
arrepia
o dorso e não vai.
espirra: alergia
atma, talvez asma, alegria
ou alma de sete mentiras -
inseparável inimigo
fiel roedor de ratos
pardo, à noite
branco de dia, escuro
talvez o próprio muro
ao eclipse da lua
no meio da rua
à madrugada

LinguaJá, o Território Inimigo

fiel companheiro
idéia que gruda
e não descola
novelo de lã em bola
gostoso
estende-me a pata
gato talvez não
gata

*Poema a García Lorca*¹⁰

O sangue escoado de Lorca
não encontrou repouso
nem saciou sedes,
escorreu pelos sulcos da terra
e seivou de árvores vida
verde que te quero e rubra
punhal fendendo o tronco da seringa.
Seu sangue derramado
coalha às cabeças francas
das guardas civis (quais as nossas)
e militares;
revolta, felonía e traição
ah! se seus trinta e sete anos
fossem mais
e andar luzia não bastasse
correr o chão.
Martírio desnecessário
de amar um povo irmão de
um mundo inteiro
por pensar de muitas cabeças
cortadas.
De Espanha que chora Guernica,
Picasso e Dalí
quanta vida escapou de cá - ! -
sonhar de mouros e ciganas
quantos anos haverá
quantos homens; morrerá
de amar a vida, amar
que o amor não morre, fica guardado

¹⁰ Publicada no *Anuário da Poesia Brasileira* (Ed. CODPOE, RJ, 1994), no zine Obirici (RS, Dez./91), no jornal *Diário da Manhã* (SC, 16/11/91), na Revista CEPA (BA, Ano VI, nmr. 18, Fev./93) e 6^o lugar no Concurso Internacional de Poesia e Prosa CEPA, 1992.

LinguaJá, o Território Inimigo

qual adaga curta em vagínula,
peito de soldado

Beijo A Tânatos
um pífio epitáfio

"Ele morreu"
 gritarão os muros ansiosos
 dos cemitérios
 "Ele morreu"
assomarão às portas e janelas
 venezianas abertas
 espantos e sussurros:
 "Ele morreu"
suspitarão

Ele morreu, sim,
 mas e daí? Ele morreu como
 morrem as folhas do outono
 e a lua ao fim
 de cada noite

Ele morreu
 menos um homem e mais estórias
 pra contar
 Ele morreu, dirão
 rirão os olhos das corujas vadias
até o esquecimento
 Ele morreu, se é que foi
 mais poesias se farão
e muito menos erros
 serão
 cometidos
 Ele morreu, é tudo
amanhã, depois, outros irão

SOBRE O AUTOR

GOULART GOMES nasceu em Salvador, Bahia, em 1 de maio de 1965. Administrador de Empresas, pós-graduado em Literatura Brasileira (UCSAL) e em Gestão de Comunicação Integrada (ESPM-RJ). Atua na área de Comunicação Empresarial. É espiritualista e pesquisador de ficção científica. Fundador do Grupo Cultural Pórtico (1995) e criador da linguagem poética Poetrix (1999). Obteve 67 prêmios em concursos de poesia, prosa e festivais de música e participou de 54 coletâneas publicadas no Brasil, Cuba, Espanha, USA, Itália, França e Coréia do Sul e tem trabalhos divulgados em vários outros países. Atualmente é o Coordenador do Movimento Internacional Poetrix e do Grupo Cultural Pórtico. Como editor alternativo propiciou a publicação de 56 livros e coletâneas de novos autores.

Homepages:

www.goulartgomes.com

www.movimentopoetrix.com

grupoportico.blogspot.com

Outros Livros de Goulart Gomes:

POESIA

Anda Luz (1987)

Todo Desejo (1990)

Sob a Pele (1994)

LinguaJá, o Território Inimigo (2000)

Esfinge Lunar e Outros Enigmas (2001)

POETRIX

Trix, Poemetos Tropi-kais (1999)

Minimal, dos males o menor (2007)

TEATRO

A Greve Geral (1997)

CORDEL

A Divina Comédia (1989)

CONTOS

Todo Tipo de Gente (2003)

ENSAIO

Matrix Revelations – Tudo o que Você Queria Saber sobre o Filme (2005)

ROMANCE

Deixando de Existir (2009)

A primeira edição deste livro foi publicada em 2000, com o apoio da Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia / Fundação Cultural, através convênio instituição Selo Editorial Letras da Bahia, com tiragem de 1.300 exemplares



**SECRETARIA DA CULTURA
E TURISMO**